

Texto para interpretação na disciplina  
**Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências da Religião** (Steven Engler)

[N]as religiões de matriz africana... [entre as] temas que parecem atrair a atenção dos pesquisadores ... é, sem dúvida, o das relações entre o que, nessas religiões, seria considerado como da ordem do “dom” e aquilo que elas pensam derivar do campo da “iniciação”. Ou seja, relações entre o que o sujeito recebe independente de sua vontade e de suas ações — o “dado”, como se costuma dizer — e o que depende de um conjunto de rituais mais ou menos tradicionais, que só podem ser desempenhados com o consentimento do sujeito e sob a condução de iniciados mais antigos do que ele — ou seja, aquilo que é “feito”. ...

Por um lado, o tema parece apresentar certa dificuldade “técnica” para os antropólogos, que não sabem muito bem se devem alinhá-lo do lado dos “fatos” (isto é, daquilo que, para nós, costuma ser o “dado”) ou das “teorias” (os nossos “feitos”)... Por outro lado, “o dom e a iniciação” afiguram-se também como objetos de atenção, reflexão e debate para os próprios fiéis....

Ora, essa espécie de quadrangulação mais ou menos simétrica (fatos e teorias, dados e feitos, dos dois lados do processo de conhecimento) me parece fundamental, e é a partir dela que eu gostaria de explorar o tema. Para isso, usarei como ponto de partida metodológico um procedimento que, em outro lugar (Goldman 2008), denominei “confrontação”. Ele consiste na tentativa de criação ou ativação de novas ideias e conceitos a partir de uma oposição intencional e mais ou menos forçada a ideias e teorias bem consagradas. Para isso, estas últimas podem até mesmo ser um pouco exageradas ... mas não ... “por provocação”, e sim para que possam ser utilizadas “como um trampolim para saltar”.

... trata-se apenas de indagar como “o dom e a iniciação” poderiam aparecer se, em lugar de reduzi-los a alguns de nossos hábitos intelectuais mais bem estabelecidos, fizéssemos um esforço para aceitar que o que está sendo dito pode ser bem diferente daquilo a que estamos acostumados. Ou seja, se fizermos um esforço para nos comportarmos como antropólogos. ... Jamais entenderemos o que quer que seja das religiões de matriz africana no Brasil se insistirmos em reduzir sua lógica àquela que preside nossos grandes sistemas teológicos ou morais....

... [S]e não há nenhuma dúvida de que a afirmação do “nascer feito” pode ser, e efetivamente é, acionada como meio de afirmar sua própria força quando o recurso à tradição parece impossível ou ineficaz — como estratégia de legitimação, se assim se quiser denominá-la — é evidente que isto não significa que “nascer feito” não seja uma possibilidade profundamente ancorada nos princípios ontológicos e cosmológicos das religiões de matriz africana no Brasil. ...

...[P]arecem existir, grosso modo, pelo menos dois modelos de iniciação (do “feito”) nas religiões de matriz africana no Brasil. Esses modelos não se apresentam da mesma forma, nem com a mesma nitidez, intensidade e grau de institucionalização em todas as variantes dessas religiões, mas penso que, de um modo ou de outro, as permeiam de ponta a ponta. ...

O primeiro modelo de iniciação, que poderíamos chamar iniciação estrito senso, consiste no que se denomina, nesse “candomblé baiano”, “feitura do santo”, processo que, como sabemos, corresponde simultaneamente à “feitura da cabeça”, ou seja, à constituição de uma nova pessoa.... Creio que o fato de esse modelo soar menos estranho a nossas próprias concepções acerca da produção e da propriedade das coisas explica que ele tenha sido privilegiado na maior parte dos estudos afro-brasileiros — o outro modelo, do qual já falarei, tendo sido usualmente considerado impuro, residual ou meramente estratégico, dependendo dos autores. ...

Mas existe outro modelo de iniciação acionado ao menos em boa parte desse “candomblé da Bahia”. Ele funciona em geral, mas não apenas, para o caso de pessoas que, como o autor destas linhas, não possuem o “dom” para receber os santos em seus corpos, ou seja, que não são capazes de entrar em transe e experimentar a possessão divina. Na Bahia, essas pessoas são geralmente

chamadas de ogãs ou tatas, quando do sexo masculino, e de equedes ou muzenzas, quando do sexo feminino (nas nações ketu e angola, respectivamente). Ao contrário de uma hipótese narcisista muito repetida, esses cargos, funções ou dons não foram inventados apenas para receber intelectuais e brancos em geral no candomblé, mas simplesmente estendidos a eles, uma vez que já existiam há muito tempo nos terreiros. Eles recobrem atividades como o toque dos atabaques, o canto ritual, os sacrifícios, o cuidado das pessoas em transe, e assim por diante.

De todo modo, o ponto central aqui é que, embora se diga às vezes que um ogã ou uma equede são *feitos*, o mais usual, ou talvez o mais preciso, é dizer que eles são, primeiro, *suspensos* para, em seguida, serem *confirmados*. A suspensão ocorre, via de regra, em meio a uma cerimônia pública, não especificamente voltada para esse fim, quando uma das divindades incorporadas escolhe uma pessoa presente, caminha com ela pelo barracão e a faz sentar-se em uma cadeira que será suspensa pelos ogãs mais antigos presentes. Com o tempo, imagina-se que o ogã ou a equede suspenso/a deverá confirmar ritualmente sua iniciação, passando por uma sequência ritual semelhante, mas com algumas importantes diferenças daquela empregada na feitura da cabeça propriamente dita. Como escutei de um pai de santo que ordenava a todos os presentes — alguns com mais de meio século de iniciação! — que se ajoelhassem e pedissem a bênção a dois ogãs que acabavam de ser suspensos, “ogã não é como iaô, que nasce pequeno e cresce depois; ogã já nasce grande!”.

Ora, se aceitarmos o fato de que nas religiões de matriz africana no Brasil o processo de criação não é pensado nem segundo a lógica judaico-cristã da criação *ex nihilo*, nem segundo o modelo hilemórfico grego clássico (no qual uma forma criadora é aplicada a uma matéria inerte), talvez possamos levantar a hipótese de que a “confirmação” seja um modelo mais adequado do que a “feitura” para pensarmos o processo de iniciação em geral. Isto porque, como tentei demonstrar em outro lugar (Goldman 1984, 2005), nessas religiões todos os seres já existem de alguma forma, mesmo antes de serem feitos. O que significa, penso, que o processo de criação é aí entendido como a revelação das virtualidades que as atualizações dominantes *contêm*, no duplo sentido do termo.

... a relação entre dom e iniciação não é nem da ordem da oposição, nem da redundância, nem da causalidade direta. ...

...[S]e tentássemos “aplicar”... [a distinção entre] o que depende da ação humana e o que se impõe a ela ... às religiões de matriz africana no Brasil, ficaríamos diante de duas possibilidades. Por um lado, poderia parecer que a teoria ... simplesmente “não se aplica” a essas religiões. Por quê? Porque parece muito difícil detectar com precisão aquilo que, nelas, faria as vezes de “dado”, ou seja, do que se encontra fora do alcance da ação humana. ... Além disso, nada parece, tampouco, ser integralmente “feito”, uma vez que tudo o que é feito deve ser continuamente refeito e depende de pré-constrangimentos “dados”.

Esse falso problema apenas revela o ponto mais geral que eu gostaria de levantar: a necessidade de uma espécie de esforço suplementar para tentar deixar de pensar nossas teorias como nossos feitos, que aplicamos a dados que podem ou não confirmá-las. ...

...[E]ssa dialética sem síntese poderia ser repensada. Não se trata tanto, penso, de uma afirmação infinita e irresolúvel de dois ou mais termos; trata-se, antes ... de uma afirmação do E como conectivo, no nosso caso, de uma espécie de hiperaceleração das relações entre o dado e o feito. Ou, para ser um pouco mais preciso, como um conjunto ininterrupto de operações de variação contínua. O dom E a iniciação, o dado E o feito, a iniciação E o dado, o feito E o dom... No final das contas, qualquer um que conheça as religiões de matriz africana no Brasil se perguntaria como isso poderia ser diferente.